

The Extreme Centre: A Warning

TARIQ ALI

Londres; Nova York: Verso, 2015, 200p.

Tatiana Berringer*

Tariq Ali, paquistanês, de família comunista, um dos editores da revista *New Left Review*, nos traz em *The Extreme Centre: A Warning* uma análise de conjuntura da política internacional contemporânea muito interessante. O ponto de vista de alguém que vive na Inglaterra há meio século nos ajuda a pensar um pouco sobre os dilemas do sistema político e da política atual lá, cá e em outros rincões.

O livro foi publicado em 2015 e é dividido em seis partes mais a introdução. O tema central é a crise da democracia representativa e sua relação com o neoliberalismo. Mas o autor acaba indo mais longe e dialoga com questões e perspectivas das relações internacionais nesse início de século XXI. O título faz alusão ao argumento central do livro: como os partidos de esquerda, em especial o Partido Trabalhista, aderiram ou incorporaram pautas neoliberais e, com isso, se tornaram partidos de extremo centro. Quais são as implicações disso para o futuro da esquerda na Europa e no mundo?

Na primeira parte do livro, “As questões inglesas”, o autor tem como foco as mudanças que o Novo Partido Trabalhista inglês adotou com a presidência de Tony Blair, tendo se tornado um partido da guerra e do capital financeiro, aprofundando a aliança da Inglaterra com os Estados Unidos na invasão do Iraque e Afeganistão, abandonando o compromisso com a social democracia e se afastando dos sindi-

* Professora de Relações Internacionais da UFABC. E-mail: berringer.tatiana@gmail.com.

catos. A primeira medida do governo de Tony Blair foi a garantia de autonomia do Banco Central para a determinação da política monetária, depois o corte de benefícios para as mães solteiras, a cobrança de taxas para todos os estudantes universitários, a modernização do sistema público de transportes com uma parceria de financiamento público-privada, e o início do desmonte do sistema público de saúde. Foi um movimento de “americanização” da política inglesa, influenciada pelo governo Clinton, que acabou seguindo muito do que Margaret Thatcher deu início no final dos anos 1970 e levou 24% da população a viver na pobreza na Inglaterra. Motivado pela intenção de passar a mensagem de modernização do discurso e da antiga prática política do Partido, no fundo, o *New Labour* queria acenar a ideia de defesa do livre-mercado e de que não existe um conflito entre os interesses das grandes corporações com os interesses dos trabalhadores. Isso reflete, em parte, a própria escolha da equipe governamental por Blair: em geral, homens ligados ao mundo corporativo, sem vínculo com o Partido Trabalhista, que entraram para o governo a fim de garantir os interesses das suas empresas.

“As respostas escocesas”, segunda parte do livro, trata de como o referendo de independência em setembro de 2014, que por pouco não foi vitorioso, teve um forte traço de luta contra o neoliberalismo. A Escócia foi incorporada ao Reino Unido em 1707, através de uma unidade entre a burguesia inglesa e a fraca e desesperada elite escocesa, visando ao acesso ao mercado inglês e secundariamente ao mercado das colônias na América do Norte e Ásia. Até a segunda metade do século XX essa aliança floresceu e a identidade política da Escócia foi destruída. Os elementos por trás desse ressurgimento do nacionalismo escocês estão ligados ao fato de que o Partido Trabalhista foi criado na Escócia e nesse território há uma forte presença de trabalhadores. Assim, fortaleceu-se um movimento nacionalista que não tem um recorte conservador e de direita, mas tem uma base operária e antineoliberal, que defende a reindustrialização, é contrária ao déficit democrático no Reino Unido que transformou o parlamento escocês em um simples órgão consultor, e se opõe à aliança subordinada da Inglaterra aos Estados Unidos. Por isso, esse movimento reivindica que a Escócia não seja mais repositório das armas nucleares da Otan.

O caso da Escócia é um dos elementos de demonstração da crise em que se encontra o projeto europeu, tema da terceira parte do livro. Na verdade, o extremo centro tornou-se quase um paradigma na Europa, garantindo a hegemonia do capital financeiro, onde as iniciativas privadas se colocam acima do setor público. Isso aconteceu com o Partido Socialista na França, com diferentes coalizões na Alemanha, com os Partidos Verdes diferentes entre si, com os Ultra-atlantistas e com os escandinavos. Defender outra política passou a ser atributo de dinossauros. “Os políticos do extremo centro, intoxicados pelo triunfo do capitalismo, estavam despreparados para a crise de 2008” (p.93). E as tensões entre os interesses do capital e a democracia não podem mais ser mascaradas. O projeto europeu tornou-se, então, um projeto autocrático de imposição de políticas de austeridade

dominado pelos interesses do Estado alemão e que cada vez mais tenta coibir a livre circulação dos trabalhadores e imigrantes, ruindo qualquer possibilidade de um projeto regional autônomo, tal como defendia Charles de Gaulle na França durante a Guerra Fria. O surgimento do *Syriza* na Grécia e do *Podemos* na Espanha foram importantes respostas para essa crise, mas seus dilemas demonstram que a encruzilhada criada pelo extremo centro na Europa é muito desafiadora para a esquerda hoje.

Em “OTANÁPOLIS”, a quarta parte do livro, Tariq Ali reflete sobre o papel da Otan enquanto aliança militar entre Estados Unidos e União Europeia, lembrando que a organização criada em 1949 nunca entrou em uma única batalha durante a Guerra Fria, mas que após esse período estreitou as suas ações nas guerras da Sérvia e da Iugoslávia nos anos 1990, quando também se expandiu para o Leste Europeu. Com a entrada da França em 2009, a Otan se transformou numa articulação que reúne os principais Estados imperialistas europeus e hoje atua na Síria respaldada pelo conceito de responsabilidade de proteger da ONU. O grande desafio atual é que há uma nova posição geopolítica da Rússia e da China, apontando para a militarização do Pacífico e maiores confrontos nas regiões em que os Estados Unidos mantêm as suas bases militares.

Mas a existência de novos polos de poder e a dependência econômica dos Estados Unidos com a China não são, para Tariq Ali, sinais de declínio do poder americano. Esse é um dos temas da quinta parte do livro, “The Startship enterprise”. A China não é uma ameaça aos Estados Unidos, mas é uma ameaça à hegemonia dos Estados Unidos (p.161). Ainda que tenha uma postura defensiva, ela pode aos poucos se armar e buscar maximizar o seu poder (como defende John Mearshiemer), mas o Japão, a Índia e a Coreia do Sul (aliados dos Estados Unidos) podem fazer contraponto a isso. O curso desse processo determinará as relações internacionais do século XXI.

“As alternativas”, título da última parte do livro, irão surgir primeiramente dos novos movimentos sociais de base. Os movimentos de massa poderão ultrapassar as barreiras das consciências existentes hoje e contribuir para a rearticulação de políticas radicais. A desindustrialização atacou a espinha dorsal do movimento operário, os sindicatos, em sua maioria, ligados ao extremo centro foram capturados pelo neoliberalismo. A falência dos partidos políticos e do sistema democrático levou muitos jovens para a extrema direita: França, Holanda, Hungria e os Estado bálticos são exemplos disso. Nesse sentido, o autor saúda a experiência dos governos progressistas da América Latina nesse início do século XXI (em especial, Venezuela e Bolívia) e a formação do *Podemos* na Espanha. Ele diz que, apesar de vivermos em um mundo diferente, a Revolução Russa teve início logo após a eclosão da Primeira Guerra Mundial, então, os conflitos atuais e os fortalecimentos de governos e movimentos de direita poderão dar origem a um novo estágio de lutas revolucionárias ou antineoliberais, cuja primeira tarefa é acabar com o extremo centro e refundar a esquerda.